

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM UMA UNIDADE PRISIONAL NO MEIO OESTE CATARINENSE

Vanessa Aparecida Rodrigues

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

E-mail: profvanessarodrigues@gmail.com

Joel Haroldo Baade

Doutor. Docente e pesquisador nos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7353-6648>

E-mail: baadejoel@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta as reflexões sobre a educação em prisões a partir da pesquisa de campo desenvolvida no âmbito da unidade prisional de São Cristóvão do Sul, utiliza como materialidade entrevistas com professores, observação participante, pesquisa documental, registros fotográficos e escritos em diário de campo. Enfatiza a reflexão sobre o tema da educação em prisões salientando a necessidade de políticas públicas que se concretizem e contemplem a educação como direito humano, envolvendo o preso como protagonista e permitindo a ele o resgate de valores, conhecimentos e aprendizagens que visem agregar na re(construção) de seu retorno social.

Palavras-chave: Educação. Prisão. Cárcere. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

REFLECTIONS ON EDUCATION IN A PRISON UNIT IN MIDDLE WEST SANTA CATARINA

ABSTRACT

This article presents the reflections on education in prisons based on field research developed within the scope of the São Cristóvão do Sul prison unit, using as materiality interviews with teachers, participant observation, documentary research, photographic records and writings in a field diary. The article emphasizes the reflection on the theme of education in prisons,

stressing the need for public policies that materialize and contemplate education as a human right, involving the inmate as the protagonist and allowing him to rescue values, knowledge and learning that aim to add to the re(construction) of their social return.

Keywords: Education. Prison. Jail. Youth and Adult Education.

Introdução

Esta pesquisa que tem como interesses a elaboração de uma reflexão sobre a educação em prisões e intenta contribuir com as práticas educativas observadas, e vivenciadas no contexto educativo da unidade prisional de São Cristóvão do Sul.

Diante do contexto educativo da educação em prisões que vai na direção do pensamento que impulsiona, acerca da experiência capaz de afetar de maneira profunda desde o experimento da vida no cárcere até a apropriação da cultura que lhes é imposta para que seja de certo modo desenvolvido o mecanismo de sujeição, é que se está sendo inscrito o trabalho que poderá vir a subsidiar propostas, enredado em um exercício analítico reflexivo.

Esse processo é constituído por duas polaridades: uma que nega e outra que afirma. A que nega, de “desculturação”, trata de desconstruir as referências anteriores, pela desadaptação da vida em liberdade. A segunda, de “aculturação”, trata de construir uma nova identidade, com novos parâmetros, dentro da cultura prisional, numa dinâmica de socialização, naturalização e familiarização. Dessa forma, os sujeitos são capazes de internalizar elementos da realidade da cadeia que, caso não fossem tomados como naturais, causariam, de maneira contínua, grande estranhamento. Os elementos que marcam essa dinâmica de maneira acentuada são a desorganização da personalidade, caracterizada pelo empobrecimento psíquico, sentimento de inferioridade e impotência e, ainda, “perda” de identidade e construção de uma nova (SEIDEL, 2017, p.43).

Ao escolher o tema educação na prisão muito se levou em conta a singularidade vivenciada nas reuniões da educação carcerária em parceria com o CEJA. Segundo a unidade prisional:

Preso deve ser tratado como gente apesar de ser visto como alguém que teve oportunidade e não apanhou do pai e da mãe quando criança e agora se tornou mais difícil de dar limite. Para o CEJA, o preso é um aluno que possui o direito ao estudo e o docente é o que transmite o saber independentemente do local onde a aprendizagem acontece (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora

agosto/setembro de 2017).

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada e qualitativa. Quanto aos objetivos, ela pode ser classificada como descritiva e exploratória, pois se ocupa com a análise de fenômenos que dizem respeito à educação em contexto de cárcere e a compreensão das práticas sociais nesse contexto. Esta nunca será uma descrição completa e acabada, mas um processo dialético, que precisa ser refeito constantemente em função da dinamicidade da realidade social. No que se refere aos procedimentos técnicos, emprega-se a pesquisa bibliográfica e documental, a técnica de levantamento com profissionais que atuam como docentes na unidade prisional selecionada para a análise e a elaboração de um diário de campo. As fontes bibliográficas provêm essencialmente de bibliotecas físicas e digitais e de portais de periódicos, nomeadamente o portal de periódicos da CAPES. As fontes documentais foram obtidas junto à unidade prisional em São Cristóvão do Sul, SC, e na secretaria de educação responsável por este trabalho.

O texto está estruturado em dois pontos. No primeiro, aborda-se a problemática da educação e dos determinismos da realidade carcerária. No segundo, reflete-se sobre a educação em contexto prisional a partir das contribuições dos docentes que atuam na unidade prisional analisada.

A educação e os determinismos da realidade carcerária

Para a efetivação de ações decisivas quanto ao ensino e as concepções metodológicas que norteiam o processo de escolarização na prisão, a parceria das secretarias de justiça e da educação é primordial para a compreensão de um processo capaz de transformar e viabilizar o desenvolvimento pessoal e social do preso. Sendo assim, todos os envolvidos são socio educadores engajados em exercer uma influência edificante dentro do espaço prisional e sabendo disso, desenhou-se a proposta desta pesquisa: estar junto dos docentes e presos nas *celas de aula* descobrindo dia após dia como se dá a parceria entre todos neste contexto específico e a estreita relação da educação enquanto linha ressocializadora.

Todos os dias, antes de começar a aula, todos os professores passam por procedimento padrão das Unidades. Reúnem-se em grupos por

unidade, entregam para a responsável a carteirinha, seguem para o primeiro espaço a fim de colocar seus pertences em uma bandeja que em seguida passa pela esteira de detector e após autorizado, cada um retira o seu. Novamente estando em grupo dirigem-se para um segundo local e aguardam a liberação da porta que dá para o pátio onde é possível ver as celas dos presos que estão de “castigo”. Ao adentrar novamente mais uma porta, há um corredor, escadas e muitas grades onde em meio a isso fica o aparelho do ponto biométrico. Então, cada professor coloca sua digital e se encaminha para o local que tem aula naquele período. É possível ouvir o ecoar dos cadeados e portas quando os professores se aproximam das celas de aula. O professor então entra em seu espaço, os presos do outro lado da grade o esperam. Mais uma vez se ouve o cadeado fechar, o silêncio toma conta e pronto, a aula irá começar (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Figura 1 - O cessar da Liberdade



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Acesso que delimita o enclausuramento e a liberdade dos presos, dos agentes e dos docentes.

A imagem retrata como divisor de águas na prisão, onde de um lado da grade o preso está, de outro os docentes e acima o agente prisional. A trava e o cadeado acompanham todo o trajeto por entre corredores e galerias, inclusive sendo o som

mais ouvido a todo momento em todos os ambientes da prisão exprimindo toda a força que existe entre quem está livre e quem está recluso.

Todos os dias as ações se repetem, sendo movimentos mecânicos de abrir, fechar, trancar, ecoar vozes, até silenciar. A rotina numa unidade prisional é rígida. Controle, horários, atos e gestos aos poucos se corporificam nessa cultura carcerária.

Durante a troca de ideias da professora com os alunos, há muito barulho das grades e portas ou abrindo ou fechando, distraindo por vezes os alunos das questões lançadas causando cansaço, bocejo alto e conversa paralela, o que fazia com que a professora alterasse o tom da voz. E no desenrolar da aula em meio a questionamentos e explicações da professora era possível ouvir muito barulho nos corredores, conversa dos agentes prisionais, descarga do banheiro da cela e telefone tocando (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

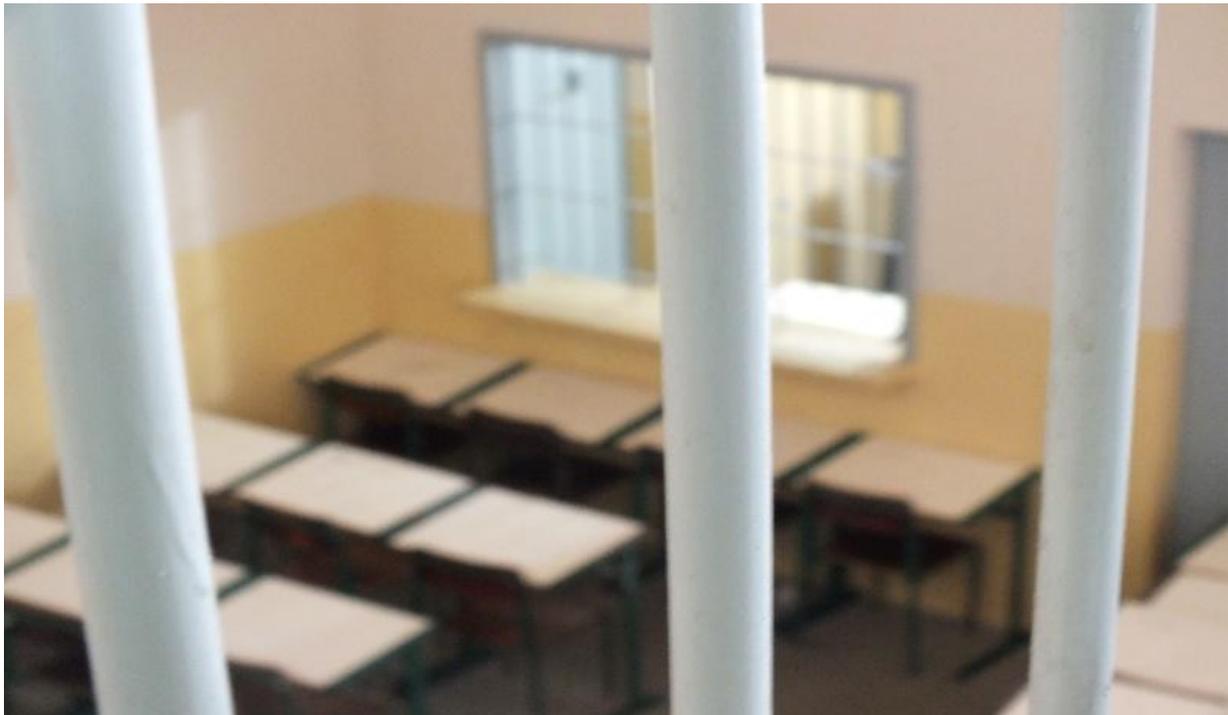
Diferente da sala de aula convencional onde o ambiente é de troca, de aprendizagem, de dinâmicas, de calma e concentração, as celas de aula são antagônicas e incompatíveis ao ensinar e ao aprender. A nostalgia da unidade prisional na junção da tensão disciplinar e hierárquica denota o quanto os mecanismos disciplinares controlam e determinam a organização prisional impossibilitando não acreditar que a vida na prisão referência um falido sistema de prevenção à reincidência.

Ao serem analisados os aspectos arquitetônicos das prisões, estas são caracterizadas como instituições disciplinares, à base da vigilância, violência e punição. Dessa forma, dificilmente conseguirão compensar as carências do encarcerado em face do homem livre, oferecendo-lhe oportunidade para que tenha acesso à cultura e ao desenvolvimento de sua personalidade (ONOFRE, 2007, p.12).

Ainda para Onofre (2007), as celas demonstram que uma vez condenado, o preso não tem alternativas de saída segundo a lei de sair por vontade própria, o que acentua a repressão, a falta de privacidade e o lado sombrio da mente humana dominada pelo superego onipotente, o que para Goffman (1974) denomina de descultramento uma vez que ao adentrar na prisão, o preso é despido de todo seu referencial e desvinculado de tudo o que possui, dando início a um novo começo, a uma nova adaptação, a uma nova prática para voltar a reinserir-se no seio da sociedade.

Um aluno descreve oralmente a rotina vivida por todos enquanto o professor coloca no quadro situações rotineiras básicas de dentro e fora da prisão. Em meio a elaboração, um preso relata que no espaço trabalham muito na humildade e igualdade, pois o respeito é primordial. O professor concorda e diz a todos que não é o conhecimento que torna uma pessoa melhor e sim as atitudes delas. Os alunos completam que há políticas diferentes fora do contexto em que estão atualmente, mas que ali dentro criam as “leis” e prendem com elas, segundo eles faz parte da rotina (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Figura 2 - Encaixilhando a realidade da docência



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017)

Legenda: A realidade diária das aulas vista por um outro ângulo. Um olhar pela garantia de proteção e direitos.

As celas de aula vistas por entre os espaços onde os agentes zelam pela ordem e segurança de todos é a imagem aqui retratada, um verdadeiro reenquadrar da vida, da vida docente e da vida do preso. Perceber nesse ângulo o ser humano privado de sua liberdade e a sala do docente separada por entre paredes e grades tem o peso da desarmonia entre os seres onde ressalta as escolhas de ambos que por algum motivo optaram por estar ali.

O modo de ensinar, de se locomover e de atuar partindo dessa visão constatada é que se deu início no quesito como acontece a educação na unidade

prisional.

Foi a partir da observação das práticas desenvolvidas na Unidade de Privação de Liberdade de São Cristóvão do Sul – cujas aulas nos remete a uma prática bastante conteudista, tendo em vista o limitado uso de materiais didáticos que percebemos a necessidades de provocar mudanças no entendimento sobre o tema da educação em prisões a partir das reflexões sobre aquilo que foi vivido nesse espaço. A educação necessita romper com o paradigma de mera reprodutora de conteúdo. Para tanto, Nóvoa coloca que “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (1992, p.25). Esta forma de pensar a ação educativa que se constitui pela experiência e estabelece o vínculo entre o saber e a prática considerado que o conhecimento se constitui na interação situada em diferentes realidades não sendo diferente dentro da unidade prisional é que é preciso considerar as experiências como parte integrante de um processo formativo.

Outro fator que determina o andamento das aulas é a entrada de materiais didáticos na prisão, segundo a administração prisional, o uso limitado de materiais é necessário para a segurança dos docentes e restringe-se a cadernos, canetas, livros didáticos e alguns apontadores, colas, borrachas e régua.

Muitos presos não possuem nem ao menos um lápis sequer, enquanto outros trouxeram para a aula um penal. A professora abre o zíper de uma espécie de penal vermelho em tamanho maior que o normal, ganho pela coordenação da penitenciária com alguns materiais para uso coletivo como cola, lápis, borracha, caneta e apontador, e entrega aos alunos que solicitaram informando-os de que estes devem ser devolvidos ao final do período (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

As aulas são planejadas diariamente pensando nesses recursos, porém, a utilização de materiais pedagógicos básicos nem sempre são cedidos pela unidade prisional para uso nas aulas, e quando há, são por vezes adquiridos pelo professor da disciplina ou modalidade da EJA. Este mesmo docente também o responsável pela contagem de materiais que entram e saem por entre as grades durante seu período

de aula.

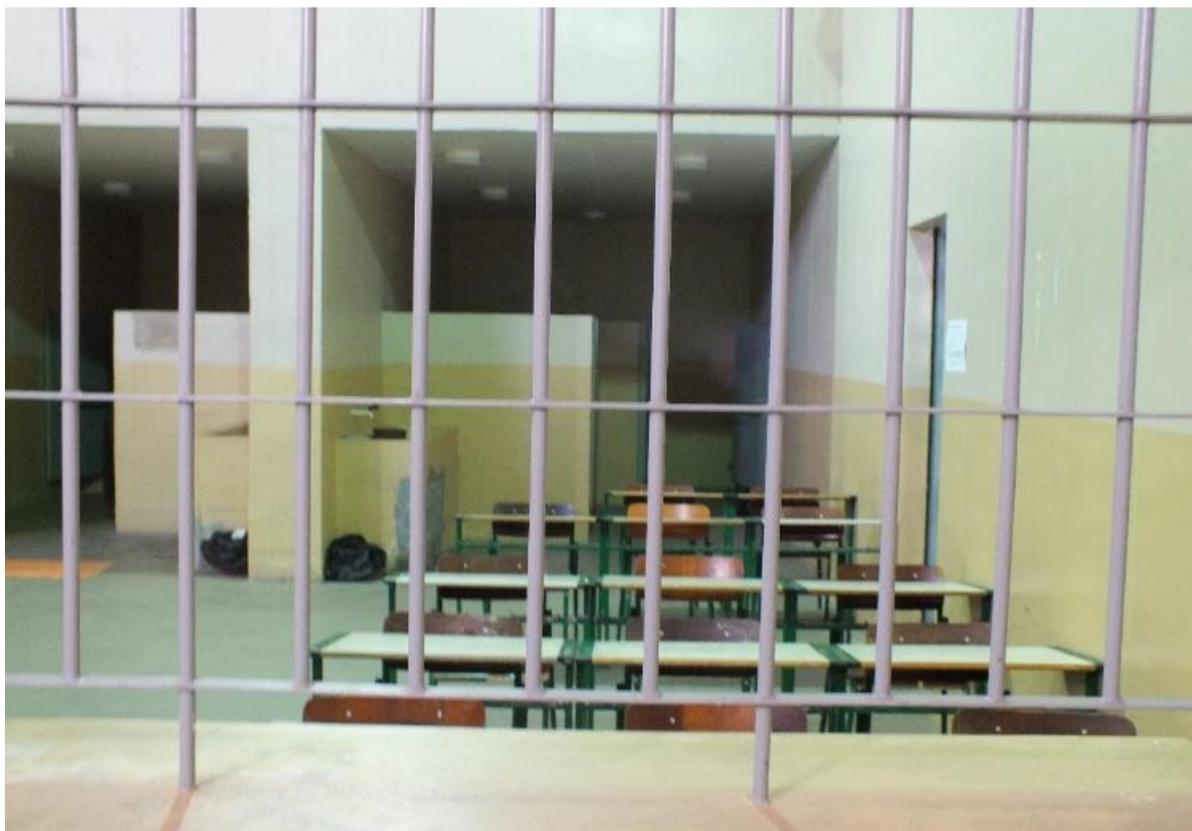
O professor percebe que alguns possuem cadernos pequenos e os questiona, então os alunos relatam que uma professora (de ciências) trouxe para todos os que fazem sua disciplina e que provavelmente estes teriam sido adquiridos com o dinheiro dela (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Para os responsáveis da unidade prisional, todo e qualquer material além destes pode vir a tornar-se uma arma a ser usada inclusive contra o próprio corpo docente. Uma alternativa para sair do livro didático que é cedido pela unidade prisional, é o uso de cópias que são disponibilizadas através de uma copiadora para uso coletivo.

Ao acompanhar o desenvolvimento das aulas, foi possível observar que na Unidade II as aulas ocorrem de modo que o professor utiliza o livro didático como recurso norteador e nas disciplinas que possuem livro os alunos acompanham, questionam e interagem e do mesmo modo ocorre nas turmas que o professor trabalha com xerox. Nas aulas de diferentes períodos percebeu-se que os docentes se empenham em adquirir materiais básicos como lápis, caneta, borracha, régua e caderno para os presos e assim trabalham durante a aula, uma vez que nem mesmo os recursos mínimos são encaminhados e disponibilizados para a aplicação da prática educativa conforme previsto nos termos das exigências legais (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

O registro da imagem feito de dentro do espaço onde os professores ministram suas aulas expõe a insuficiência de estrutura física adequada e a visão desfavorável a um ambiente de aprendizagem traduz a fragilidade de investimentos que contribuam para a transformação social do preso. Aqui é possível avistar o improvisado do ambiente seja pela disposição das carteiras ou pelos espaços que dividem a sala com a pia e sanitários sendo que habitualmente esse ambiente é utilizado como sala de visita.

Figura 3 - A visão do docente por entre as grades



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Imagem fotografada do interior do espaço onde o docente fica.

Mesmo com os percalços e insuficiência de cenário e de programas do trabalho de ressocialização, a educação para os presos não é um benefício, mas sim um direito inerente a reinserção do preso bem como uma forma de garantir a plena cidadania (JULIÃO, 2009). É possível estabelecer uma relação entre o pensamento do autor juntamente com o que foi vivido durante o período de observação no contexto da unidade prisional. O projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo situa-se dentro de um campo de pesquisa o qual envolve diferentes e importantes questões, no campo da educação em prisões, da EJA e da carência de políticas públicas voltadas ao preso.

Ao começar pelo material a ser utilizado nas aulas, pudemos ver que:

Muitos presos não possuem nem ao menos um lápis sequer, enquanto outros trouxeram para a aula um penal. A professora abre o zíper de uma espécie de penal vermelho em tamanho maior que o normal, ganho pela coordenação da penitenciária com alguns

materiais para uso coletivo como cola, lápis, borracha, caneta e apontador, e entrega aos alunos que solicitaram informando-os de que estes devem ser devolvidos ao final do período para ser utilizado com outros presos de outras turmas. É perceptível o pedinchar (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

A cada período do dia é notável pensar que ao observá-los estando no ambiente de privação, cada preso tem sua história mesmo que agora todos em similar proporção, cada um com seu número estampado no peito, sendo lembrado por número seu *I-PEN*, com o mesmo corte de cabelo, com a mesma cor estampada em suas roupas, todos sendo vistos do mesmo modo neste tempo em que tanto se fala, tempo de ausências, carências, desapegos, onde nada mais lhe pertence, onde nada mais é seu e onde nada mais é possível ter, senão abdicar.

Para os docentes a história continua, o viés da escassez pode ser comparado ao do preso:

O professor traz em um sacolão marrom de tecido dicionários de língua espanhola, material extra e apostilas. Explica aos presos que adquiriu com seu próprio dinheiro e que utiliza em todas as turmas, solicitando assim não ser colocado o nome. O professor conta a pesquisadora que sempre trazia pilha de livros e dicionários nas mãos e certo dia chegou em uma de suas turmas e tinha uma cartinha escrita por dois presos que relataram ter confeccionado a bolsa na oficina industrial (costura), que a penitenciária oferece como oportunidade de trabalho, dizendo também que era para uso dele já que levava bastante material para trabalhar com os presos (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

O material pedagógico é insuficiente para atender a demanda de presos estudantes. Muitos deles compartilham cadernos, folhas sulfite e lápis. Os cadernos quando enviados da SED, são cadernos com espirais que antes de serem utilizados são desmontados retirando a mola e substituindo por barbante o que permite a divisão entre mais de um preso esse mesmo caderno.

O professor relata ser uma turma que pede tudo o tempo todo, chegando a ser desagradável e que se no dia de hoje não o fizeram em demasia foi pela minha presença no local. Comenta que quando questiona o setor responsável pelo ensino na unidade no que diz respeito ao material, foi recebido com “brincadeiras” de que não tem, que não separaram para uso ainda, que não foi adquirido, que não

chegou para distribuição e que já ouviu a resposta de que o professor pode ser criativo e usar canetões e paredes. Então penso diante disso: Esse é o Brasil! Quem formula as leis e proporciona os direitos, certamente não são os mesmos que as usufruem (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Recursos além destes que são fornecidos para uso, são recursos adquiridos para trabalhar em algumas disciplinas. A prática da unidade I é autorizar a entrada de materiais e livros a serem utilizados pelos professores, já na unidade II devido ao grau de periculosidade ser um dos fatores consideráveis, é solicitado com antecedência o uso, verificado se é possível sua utilização e em seguida liberado.

O professor comenta não ser possível variar quanto a didática de ensino devido as limitações que tem para adentrar com som e pendrive, material este de grande auxílio para compreensão, articulação e pronuncia - listening, o que faria a aula ser mais produtiva e atrativa (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Todo o material utilizado pelos docentes para seu próprio uso ou dos presos, passa pelo escâner, procedimento este obrigatório somente na unidade II.

Figura 4 - Escâner de Materiais



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Na unidade II o escâner é um mecanismo de uso diário, onde o professor deposita sobre a bandeja sua sacola, seus pertences e sua mochila transparente para que o agente responsável pela prática verifique se tudo está de acordo para a entrada destes nos ambientes que adentram sendo nas gelarias ou celas de aula.

Ainda sobre os recursos, cabe-nos dizer que cada unidade possui uma biblioteca - espaço reservado para encontro dos docentes, acervos literários, bem como livros didáticos. Este espaço foi adaptado para os professores que ficam mais de um período na unidade prisional poderem planejar suas aulas, organizar seu material e aguardar o próximo turno de aula. Os presos não utilizam esse espaço, ao contrário, os docentes levam os materiais até eles.

Figura 5 - Biblioteca da unidade II e Sala dos Professores



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017)

Legenda: Espaço utilizado para Leitura, bem como utilização coletiva dos professores.

Na unidade II, a biblioteca é um ambiente relativamente pequeno, nela estão dispostos bancos, cadeiras e uma mesa utilizada pelos professores para preparem suas aulas ou aguardarem entre um período e outro de aula. Os livros de todas as disciplinas ficam dispostos juntos para uso coletivo, não tendo um controle de empréstimo. A sala é bem arejada e iluminada e suas janelas dão vistas à fachada, ao estacionamento e a guarita desta unidade.

Figura 6 - Biblioteca da unidade I



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Sala dos professores e sala usada pelo professor do projeto despertar pela leitura.

O espaço destinado ao acervo literário do projeto despertar pela leitura, guardar os livros didáticos e ser usado como sala para os docentes, é um local pequeno. Possui armários com cadeados para armazenar materiais como lápis, borrachas, lápis de cor, apontadores e pincéis para quadro branco. Esse cuidado nessa unidade se deu devido aos presos do regime semiaberto ter acesso a este ambiente para realizarem a higienização. Nesta sala há um computador de uso coletivo para os docentes, porém, sem internet. É um ambiente úmido e não possui ventilação.

A escola de certo modo vem estratificando as potencialidades dividindo e separando o saber, há ausência de diálogo, de relacionamento, de questionamento. Há inércia. Suas salas são isoladas e os pátios vigiados. Há hierarquia no respeito do professor ao aluno, mas não em situação oposta. Diante disso não é possível formar,

dentro de um espaço passivo e fragmentado. (MOSÉ, 2013). A escola da unidade prisional, não é diferente. O docente é levado a intermediar o conteúdo, porém, já se percebe discussões sobre assuntos atuais e polêmicos principalmente os que envolvem religião e política. O diálogo apesar de se restringir a falas curtas, contempla a percepção de informações nada polemizado, no entanto discutível, sendo o docente visto como dominante notável em seus posicionamentos em muitas das disciplinas. No entanto há vez e voz para colocações dos presos.

” Nós nos adaptamos aqui (lugar), não a forma como o tempo acontece aqui”; “Já estou aqui há quase um ano e ainda não me adaptei”; “Difícil nesse tempo se adaptar a comida e ao banho gelado”. A professora enfatiza que o tempo é linear, que não volta. Mas que tudo é aprendido e a mente é livre (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Para Castel (2007), autonomia está associada à capacidade das pessoas em fazer escolhas, em estar submetida a dependências o alicerçando em sua própria reinserção social. Essa independência social somente é conquistada quando se tem o mínimo de direitos, bem como descobrir quais seriam essas condições para se tornar autônomo. Sendo a educação vista como fator contributivo para a reabilitação do homem aprisionado é que as oportunidades lhe são dadas a fim de possibilitar a construção de uma nova perspectiva de vida em liberdade partindo do que vivem na prisão.

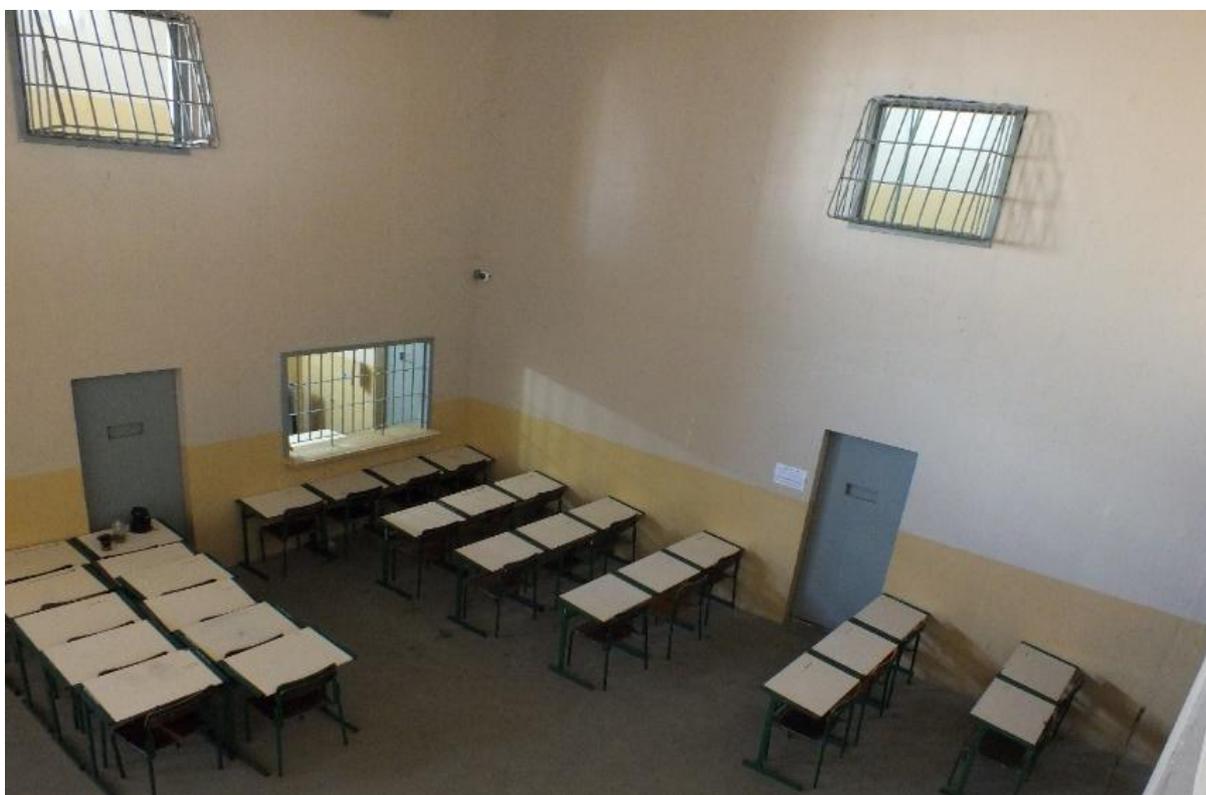
Ao pensar em tempo e temporalidade os presos são convidados a participar e dizem o que pensam em relação ao tema: “O tempo aqui dentro mata nós”; “Aqui pensamos muito sobre tudo, porque temos muito tempo”; “Estamos perdendo o tempo lá de fora”; “Se a aula está chata, demora mais tempo”; “Aqui dentro tem tempo pra tudo”; “Aqui temos momento para refletir sobre o tempo”; “Aqui as nossas memórias são trazidas novamente por meio do tempo”. A professora então interfere dizendo que tempo é pessoal, que as memórias são pessoais e que percepções e memórias já vividas pertencem somente a cada um que as viveu (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

A implementação dos projetos e ensino da EJA promovem práticas de fortalecimento de valores dentro do contexto da prisão com o objetivo comum, o de oferecer processos educativos criando condições para que as experiências que lhe

forem oferecidas possam lhes acrescentar positivamente, indo além do processo institucionalizado.

Enquanto a aula acontece, os presos mostram-se interessados ao realizar e ouvir a leitura dos textos em espanhol e copiam do quadro concentrados mesmo ouvindo-se o barulho de grades abrindo e fechando do outro lado e também o barulho de TV vindo por entre os espaços de observação dos agentes. Ouve-se também a preocupação dos presos que já assistiram as aulas anteriores em oferecer seu caderno e registros para os novatos colocarem os conteúdos em dia (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Figura 7 - Cella de aula da unidade II



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Esta cela de aula se diferencia das demais em sua estrutura física, absorvendo um maior número de aluno preso.

Aqui foi retratado a disposição do ambiente de uma *cela de aula*, sendo possível observar que há interação e troca entre presos e docente e também preso e preso, evidenciando uma linha de interação e confluência colaborativa onde dialogam entre si. O principal alicerce na educação é o eixo transformador e embora

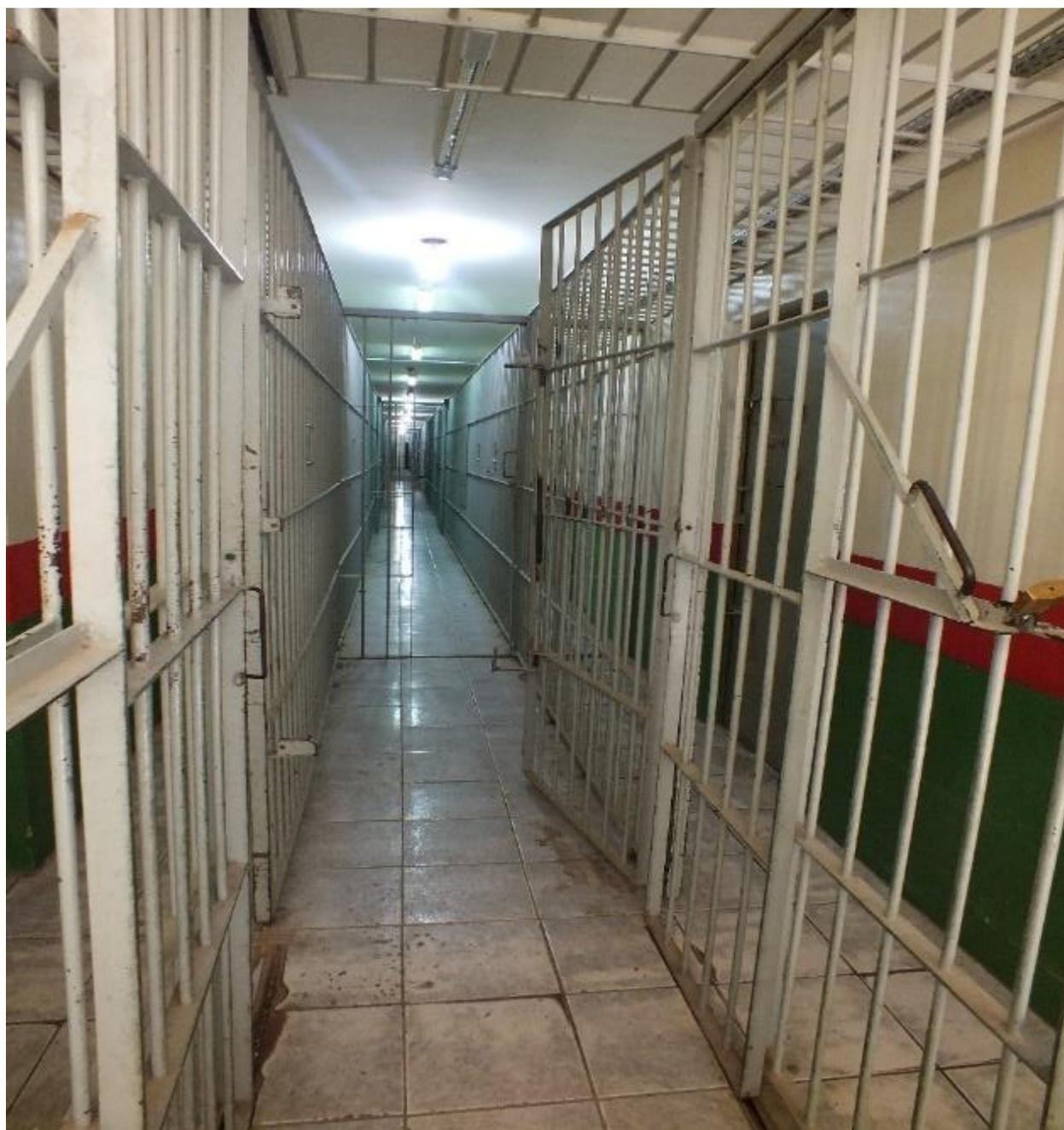
a cultura da prisão o reprima e o adapte, o foco da educação é tecer situações que contribuam para a retomada de seus direitos civis quando em liberdade e o torne transformador de sua própria realidade.

Um dos espaços em que o ensino acontece é um espaço bem grande, a sala de aula é adaptada pois é usada inclusive como sala de visita. O lugar onde o professor fica é improvisado, suas paredes são de concreto, há uma porta de ferro que dá acesso ao corredor e em “L” de um lado ocupando toda a extensão existe uma pia. Sobre a pia ficam livros, cadernos e folhas de disciplinas variadas e do outro, meia parede é de concreto e o restante que dela sobra é uma enorme grade. O professor atende e apoia-se em uma superfície semelhante a uma mureta onde deposita seus materiais de uso coletivo. Aqui há uma carteira escolar, uma cadeira e um relógio apenas. A visão que se tem de dentro para fora é somente metade da cabeça dos presos mais altos e o pouco cabelo de muitos. Acredita-se que de dentro do espaço da sala onde os presos estão, pode-se ver somente uma pouco acima da cintura do professor e o quadro branco que está fixado bem mais alto que sua altura padrão sendo percebido quando o professor escreve o conteúdo que está sendo ministrado. É possível observar que os alunos estão sentados enfileirados de forma horizontal de três em três, sobrando grande parte da área em que estão. Olhando mais de perto é visto que não há como ter visão sobre o quadro e o professor de outro ângulo (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

As celas de aula se concentram em locais longe uma da outra, é difícil saber quem vai para qual galeria, muitos portões e cadeados se abrem e fecham o tempo todo, é difícil acostumar com o barulho destes e não há como não se perder por entre os corredores e grades.

Para o dia de hoje, sigo com mais quatro docentes na galeria mais distante desta unidade. Há portões gigantes e rampas que passamos até cada um entrar para dar início a aula. Este ambiente se difere dos demais devido a quantidade de salas sendo possível me imaginar rés-do-chão, grades por todos os lados e um imenso corredor estreito. Enquanto aguardamos, posso perceber as grades sendo abertas para ambos os lados e os agentes controlando suas travas e cadeados com certa agilidade para que os presos ao caminharem não terem contato uns com os outros por entre os corredores (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Figura 8 - Corredor de acesso às celas de aula da unidade I



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: O corredor demonstra por si, a vida na prisão.

Um dos espaços destinados ao ensino na unidade I dá acesso a um corredor fechado do início ao fim com grades, portões e cadeados. O ambiente está concentrado longe da entrada da unidade e fica localizado no piso inferior, transmite aspecto de sujeira e o cheiro é de creolina onde particularmente exprimi o sentimento de medo e devaneio. Neste corredor estreito, ficamos todos juntos, separados

simplesmente pelas grades laterais. Ao andar pelo corredor juntamente com o agente plantonista, os sons de vários passos, abrir e fechar de portas, conversas entre presos e agentes, bater de cadeados e olhar cabisbaixo nos acompanham até que cada docente entra em sua sala.

Todas as celas de aula geralmente possuem uma cadeira e uma carteira no espaço onde os docentes ficam, e quando não tem, os professores e agentes auxiliam no empréstimo de uma cadeira de um outro ambiente. Algumas salas são menores que outras e não possuem sanitários para os presos, assim como não há espaço para que caibamos professora e eu juntamente com as cadeiras, sendo algumas vezes usado de manobra para a disposição de tudo no mesmo local.

Todos os ambientes possuem a mesma cor azul com cinza escuro ou creme com vermelho e verde, portas acinzentadas e chãos também na cor cinza, o ambiente em que ficamos e a sala onde os alunos estão é bem iluminada, porém do lado de cá da grade tem lixeiro cheio, chão sujo, alguns papeis no chão e teia de aranha na abertura da porta, como se fosse um ambiente inutilizado por semanas. Para ficar mais próxima dos presos, a professora fica sentada apoiada sobre a carteira próxima à grade (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

As *celas de aula* acima descritas demonstram a fragilidade da unidade prisional. Presos e docentes são participantes de um contexto onde os direitos básicos não conseguem ser supridos e com isso podemos ver que apesar de esse ser um direito, tais fragilidades dificultam assegurar o bom andamento no quesito educação. Seja na infraestrutura, no material didático ou na formação.

No ambiente haviam cartazes de outras disciplinas nas paredes e desenhos estereotipados bem coloridos do artista Romero Britto. Havia no mesmo ambiente um banheiro e ao lado de fora dele uma pia com um copo plástico azul. A professora e a pesquisadora ficaram em um espaço cercado em L (“ele”) por grades onde fica localizado também o quadro branco, uma mesa para o docente e três cadeiras, onde duas delas são ocupadas pelos livros das diversas disciplinas, não havendo espaço além do aqui descrito (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

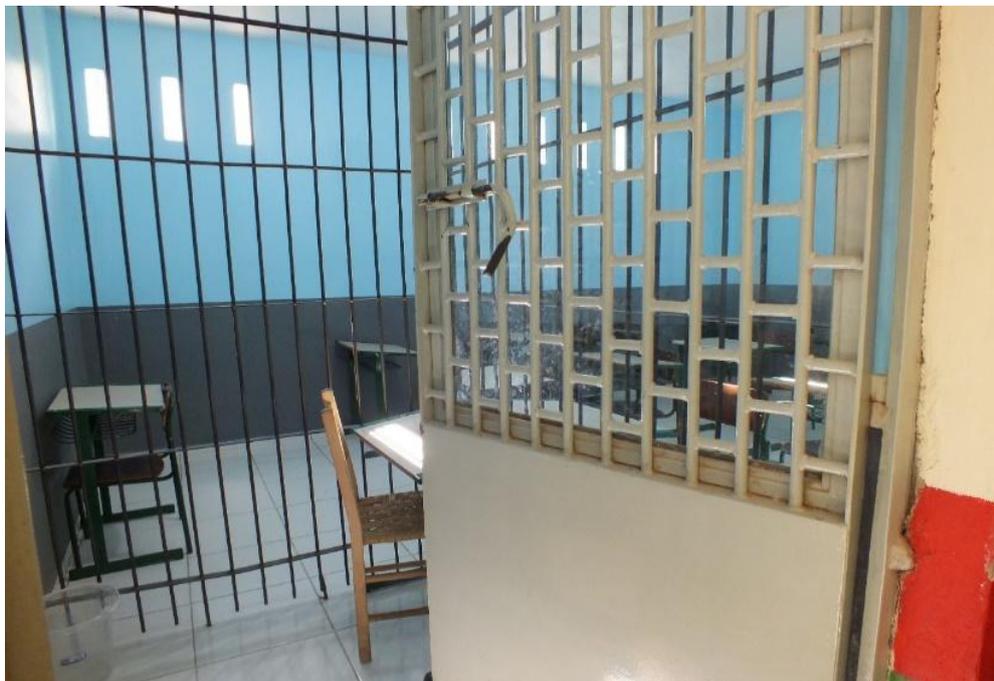
Passamos aqui a perceber que não somente o preso vivencia condições subumanas, mas também o docente. Em vários pontos descritos acima é possível ver as situações de descaso quanto a forma de trabalho dos docentes, sendo ora em pé,

ora sob muretas, ora falando alto para que possa ser ouvido, ora junto com os presos sem auxílio dos agentes, ora transformando suas aulas somente em cópias, ora comprando material para os presos permanecerem nas aulas. Vejo assim que a educação na prisão vai além de aquisições de noções básicas, sendo um desconstruir e (re)construir ações tanto para o docente quanto para o preso, uma trajetória educativa que envolve todos os atores que dela participa.

Na sala há frestas enfileiradas de duas em duas localizadas na altura acima de nossos ombros, que facilitam a entrada de luz. Esta também é a única entrada e saída de ar. A sala é pequena e para deixá-la um pouco maior foi retirado o espaço do sanitário. Ao mesmo tempo que parece visivelmente estarmos todos unidos, temos o sentimento de enclausuramento naquele cubículo. O cheiro da cadeia é único (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Em meio aos 28 períodos de aulas assistidas cheguei, por muitas vezes, a me questionar quem era a pessoa em privação de liberdade? Quem estava preso? Porquê da forma como estão dispostos os ambientes que são nominados de *celas de aula* pode ser pensado e compreendido de maneira inversa.

Figura 9 - Sala do PRONATEC

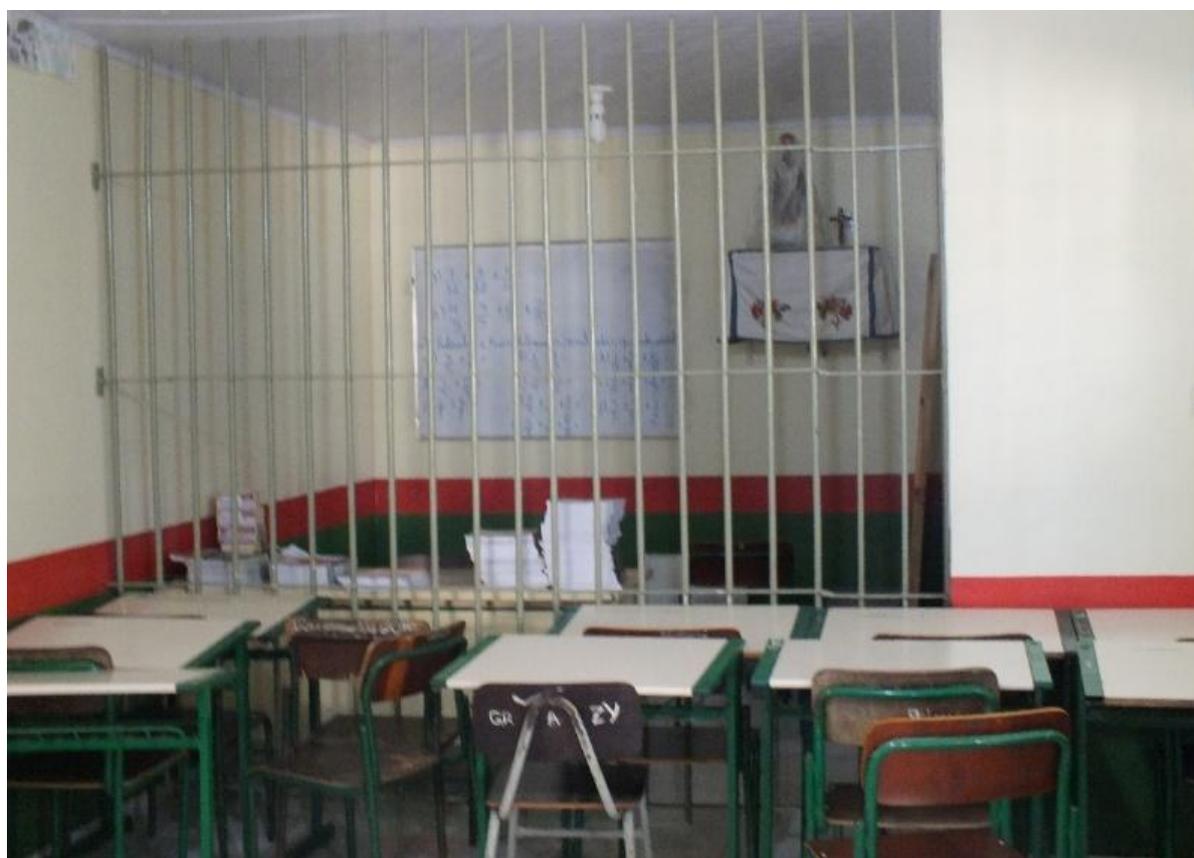


Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Ambiente compartilhado para aulas do CEJA e cursos do PRONATEC.

Em cada aula observada sempre aprendo com eles, com os docentes. Apesar de, de certa forma estarem pagando para trabalhar a meu ver, eles tentam fazer a aula e o ambiente serem menos tenso mesmo com pouco recurso. Já com os presos vejo que para alguns mesmo que minoria estão ali para se apropriar dessa oferta. Percebo a carência atual nessa parte da verba que antes era papel da secretaria de educação o envio para material do professor/aluno e a partir do ano de 2017 baseado no censo de 2016 houve um corte tendo uma nova leitura, de que já existe verba destinada para esse fim advindo da secretaria da justiça. E nesse meio acontecem as aulas. Literalmente um divisor de águas (Adaptação de Notas do Diário de Campo da pesquisadora agosto/setembro de 2017).

Figura 10 - Sala do Projeto Despertar pela Leitura



Fonte: Acervo da Pesquisadora, agosto (2017).

Legenda: Este projeto oferece estudo e participação do preso, além do processo institucionalizado.

A necessidade de a educação alcançar espaços como o da unidade prisional de São Cristóvão do Sul, espaço muitas vezes marcado pela invisibilidade das políticas sociais, demonstram a importância a ser dada a oferta do estudo, “Tal perspectiva configura uma proposta de “educação para a alteridade”, aos direitos do outro, à

igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla” (FLEURI, 2003, p. 17).

Pensar a educação em prisões a partir do que dizem os professores

Esta pesquisa visa refletir sobre as contribuições da educação nas prisões enquanto política de oferta e o trabalho prisional como elemento de formação integrado a educação, considerando o trabalho docente enquanto perspectiva de transformação reflexiva. Para isso, também busquei a voz dos docentes das unidades I e II como uma materialidade investigativa a fim de propor questões a serem refletidas nesta pesquisa, onde por meio de um questionário online com perguntas abertas, mapearia o perfil docente.

A realização de tal questionário foi essencial. Vinte e três docentes foram convidados a participar de maneira livre ao darem suas respostas, sendo que no período de aplicabilidade destes 23, somente 11 foram respondentes das perguntas semiestruturadas. Sendo sete pessoas do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Foi possível perceber que a maior parcela dos professores que trabalham na unidade prisional tem idade entre 41 e 48 anos (dois tem 42 anos, um 43, um 47 e um 48 anos). Os demais possuem entre 18 e 40 anos (um 24 anos, um 29, um 25, um 31, um 33 3 um 38). Totalizando 11 docentes.

Destes profissionais, seis são licenciados e trabalham na área; Quatro deles possuem curso de especialização - pós-graduação e apenas uma pessoa está cursando a licenciatura. A explicação que aqui se dá é a da escolha de vaga ser direcionada em alto grau a docentes habilitados e aos não habilitados somente quando a listagem de habilitados chega ao fim e passa-se a contratar pela chamada pública.

Conforme citado anteriormente, a penitenciária de São Cristóvão do Sul possui duas unidades, a unidade I que abriga presos de menor periculosidade e a unidade II de segurança máxima. Em ambas unidades é ofertado o ensino da EJA, sendo que destes docentes que integram a pesquisa: Dois são da unidade I e trabalham com presos do regime fechado, aberto e semiaberto; nove destes, atuam na

unidade II com presos de alta periculosidade; e no contexto geral quatro docentes trabalham em ambas as unidades.

Quais motivos levaram você a escolher ou aceitar o trabalho na unidade prisional foi a pergunta. A cada semestre a equipe docente da EJA se renova tanto na sede quanto nas unidades descentralizadas atendidas. Quanto aos motivos que levaram os docentes a escolher ou aceitar o trabalho em educação na unidade prisional foram obtidas as seguintes respostas: para três deles, a falta de opção e as condições financeiras foram fundamentais na hora da escolha pela vaga; dois responderam que o ensino da EJA tem o foco no adulto que é preferência dos docentes e por conhecer a metodologia; dois relatam a escassez de vagas no ensino regular; três confessam que assumiram as aulas por curiosidade e apenas um por acreditar na ressocialização do preso.

Em relação ao tempo de trabalho do docente na unidade prisional, quatro professores atuam a quase um ano na ou nas unidades; cinco deles atuam de dois a três anos e apenas dois possuem a experiência de trabalho na contagem de quatro a cinco anos. Aqui pode ser visto que os docentes mesmo tendo oportunidades de trabalho no ensino regular optam por trabalharem um período sequer na unidade prisional.

No quesito à participação dos presos nas aulas, os motivos que os docentes acreditam no interesse dos presos são de que quase em sua generalidade a questão remição, sendo apontado por nove docentes; quatro relatam que muitos presos ainda sentem-se motivados a aprender coisas novas e possuem vontade para aprender e mudar de vida e um docente acredita que os presos apenas frequentam as aulas para ocupar o tempo ocioso. Mesmo a remição ainda sendo o maior impulso gerador, o que nos alerta quanto as respostas é ver a busca pelo conhecimento.

Para a questão das dificuldades em ser professor dentro das unidades prisionais sete docentes atentam para a falta de materiais (54%); quatro sobre a infraestrutura (31%); um para a falta de recursos tecnológicos (7,5%) e um para o excesso de alunos (7,5%). É visto que a carência¹ de materiais geram aulas mais formais, mais tradicionais e sem inovações o que em contrapartida é visto pela

¹ Essa carência citada ao longo do texto refere-se à inexistência ou escassez de recursos que viabilizem o ensino e a aprendizagem.

administração da unidade prisional como precaução, tendo em vista a periculosidade dentro do ambiente, o que também se entende ao uso recursos tecnológicos. A improvisação nos espaços destinados ao ensino são relatos que reiteram a cada olhar do docente, uma vez que não é adequado para receber nem a eles e nem aos próprios presos, sendo locais por vezes insalubres, sem cobertura ou abertos chegando a molhar quando chove e alguns sem ventilação ou em demasia, por isso, são apontados como adaptados. Algumas turmas de Alfabetização e Nivelamento que possuem uma de cada, tem excesso de presos o que dificulta não somente a aprendizagem, mas também o ensino.

Em relação aos fatores que dificultam o trabalho, o espaço físico é apontado por quatro professores; cinco acreditam que a falta de recursos didáticos restringem as aulas serem diferenciadas e diversificadas; dois complementam citando a metodologia usada como limitada; um relata a dificuldade no deslocamento dos docentes de uma cidade para outra para o trabalho, uma vez que quase em sua totalidade os docentes são de Curitiba e precisam ir à São Cristóvão; um cita que a falta de contato direto com o aluno interfere nas aulas sendo essa uma regra existente no termo de cooperação técnica, o de não criar vínculo ou proximidade com o preso para que ele não se sinta íntimo para pedir favores o que um docente também diz ter que se empenhar para não criar elo com os presos, tratando sua função de modo impassível.

Ao serem questionados sobre os recursos que utilizam em sala para suas aulas, se são suficientes para um aprendizado de qualidade, oito docentes responderam que são insuficientes uma vez que falta inclusive o básico como lápis, borracha, caderno e caneta, restringindo-se ao uso do livro didático sendo o trabalho limitado prejudicando a aprendizagem do preso inclusive quanto ao entendimento de alguns conteúdos que necessitam de materiais concretos para apropriação de conceitos sendo que a aprendizagem vai além da sala de aula; dois responderam que os materiais são suficientes para uma aprendizado de qualidade e acreditam que seria melhor caso conseguissem adentrar com outros mais e um não respondeu dentro dos critérios analisados.

Em relação ao currículo, foi indagado se o docente considera apropriado para a unidade prisional e por que, oito deles responderam que consideram apropriado o currículo da EJA pois abrange o que os presos precisam aprender conforme indicado pela proposta pedagógica e pelas bases necessárias do processo ensino-aprendizagem da EJA devido este ser para o público de adultos que não concluíram na idade certa ou por diversos fatores que o impediram; dois acreditam que o currículo não está adequado para a realidade existente deste contexto, considerando que a modalidade da EJA deveria ter um currículo próprio e um não respondeu dentro dos critérios analisados, respondendo simplesmente que poderia ser mais extenso.

Ao responderem quais as dificuldades encontradas sendo docente da unidade prisional, cinco responderam sobre a falta de recursos básicos para o ensinar e o aprender; dois relatam a limitação em diversificar as metodologias tendo que adequar o planejamento ao contexto educativo; um acredita que as normas impostas seja indicativo; um julga ser a falta de transporte para os docentes e dois consideram não possuírem dificuldade no trabalho. Cabe ressaltar uma vez que repetidamente já foi citado a questão transporte, que este não é concedido aos docentes. Diariamente se organizam em grupos de até cinco pessoas e fazem rodízio para o trajeto de Curitiba a São Cristóvão dividindo o combustível entre eles. Como última questão foi indagado: Em sua prática pedagógica quais os materiais que inviabilizam o desenvolvimento de sua função e quais os recursos mais utilizados por você para um aprendizado de qualidade. Após a leitura das respostas, fica assim observado: para P1² e P10 – Na visão destes docentes não há recurso que inviabilize, há recursos que fazem falta. São eles: aulas expositivas, leituras diversas, pesquisas, mais livros pertencentes a suas disciplinas, trabalhos individuais e em grupo e debates; P2 – Não respondeu; Para P4 não poder usar materiais diversos, uso de tecnologias e dificuldade dos presos visualizarem o quadro com mais proximidade, são práticas que inviabilizam o ensino de qualidade uma vez que os materiais utilizados são somente livro e pincel; P5- A resposta deste docente é direcionada a falta de todos os materiais necessários para um bom desenvolvimento em sala, afirmando ser este

² Os participantes respondentes serão identificados pela letra P seguido de número sequencial para as respostas da última pergunta do questionário realizado com os docentes da unidade prisional.

questo que inviabiliza a função. Não citou sobre os recursos que utiliza em suas aulas; P6- Este docente não vê materiais que possa inviabilizar suas aulas, e com relação aos recursos que utiliza, relata ter necessidade de busca a novos conhecimentos e experiências dentro da prática docente, alega observar experiências e saberes dos presos para enriquecimento das aulas fazendo alterações em seu planejamento adequando conforme a realidade das turmas; P3, P7 e P9- Relatam utilizar jornais, livros, imagens revistas, gibis, atividades diferenciadas e dicionários, porém, não citam sobre os materiais que inviabilizam o desenvolvimento de sua função; P8- Para esse docente, faltam materiais básicos como caderno, caneta e borracha e não relata os recursos utilizados por ele em suas aulas; P11- Somente descreve que sua forma de trabalho é o uso do livro didático seguido de situações do cotidiano e finalizado com feedback.

Na questão você considera o currículo deste contexto educativo adequado ou é necessário adaptar, 6 docentes responderam ser adequado não sendo necessário ajustes uma vez que engloba desde a alfabetização até o ensino profissionalizante; três acreditam que as vezes se faz necessário adaptações quando o professor verifica que haja precisão para melhor compreensão de conteúdo ou mediação dele e dois acham que é necessário adaptações em alguns itens para atender a diversidade que há em sala de aula. Levando em conta que o sistema educacional está em permanente processo de transformação e nesse cenário que ocorrem encontros interculturais e as práticas pedagógicas e suas diretrizes se concentram, sendo assim, decorrente das respostas dos docentes faz-se necessário a existência de um currículo para EJA para cada modalidade pertencente desta, pensado a partir da realidade e dos protagonistas que o compõe até as mudanças organizacionais do sistema educativo.

Com relação às metodologias utilizadas pelos docentes, perguntou-se quais as mais utilizadas a fim de fazer os alunos compreenderem o que lhes é proposto. Nesta questão, seis docentes responderam que usam-se de aulas expositivas considerando o que o aluno já traz de conhecimento ampliando o potencial histórico cultural dele, buscando sua conscientização, procurando levar a eles saberes e experiências que acrescentem sua visão de mundo, que enriqueçam as aulas com linguagem acessível e exemplos do dia a dia, valorizando o feedback deles; quatro relatam que suas aulas

são tradicionais resumindo-se em leitura dos livros, debates, explicações, oralidade e interpretação, exposição de matéria, exercícios para fixação e esclarecimento de dúvidas; somente um busca a forma lúdica para trabalhar inclusive temas atuais.

Em relação aos recursos considerados para melhor engajamento dos alunos quanto ao aprender, sete professores responderam que recursos tecnológicos como vídeos, documentários, pesquisas, apresentação em multimídia e recursos áudio visuais enriqueceriam os conhecimentos sobre as aulas, tendo em vista a rapidez com que se propagam as informações. Citam também sobre a conscientização do aproveitamento do tempo na prisão, utilizando essa prática reflexiva do conhecer, para sua vida pessoal e profissional; três acreditam que os recursos de cunho humano, que eles precisam querer vir para a aula, que não se sintam obrigados somente pela finalidade da remição, uma vez que quando não há interesse e conexão entre aprendizado e aprendiz pouco ou nada se pode fazer para que ele aprenda e um acredita que se houvesse melhor investimento e fosse oferecido melhores condições físicas, seria o ideal.

Considerações finais

Considerando que as respostas dos docentes possuem grande relevância na minha pesquisa, optei pelo roteiro semiestruturado. As perguntas foram elaboradas com o intuito de agregar elementos e reflexões relatados no diário de campo construído no período de observação das aulas dos docentes dentro da unidade prisional e conhecer melhor o perfil investigativo ao analisar os dados.

Com base nas respostas dos docentes das unidades I e II, são apontadas algumas problemáticas a serem descritas, como por exemplo a falta de opção de aulas no ensino regular, sendo este um dos maiores agravantes levando-os a desistência das aulas. O quesito tempo de serviço na área, onde os docentes são ACTs e atuam a menos de um ano também salienta a instabilidade em desenvolver práticas voltadas a resultados de longo prazo. Na visão docente bem como na minha visão enquanto pesquisadora, a remição é o fator principal de incentivo quanto a participação do preso nas aulas, seguido da condição de redução do tempo ocioso.

As práticas educacionais são restritas nas unidades prisionais, onde o cenário

vivido e relatado pelos docentes é elencado em vários momentos, inclusive no roteiro de respostas. A infraestrutura inapropriada é um dos elementos comprovados e citados como principal entrave ao docente em realizar atividades diversificadas seguido nitidamente pela insuficiência de materiais didáticos e pedagógicos, o que limita o planejamento de ações diferenciadas.

Para o currículo, um aspecto a ser destacado no contexto geral é que não existe um currículo com diretrizes próprias para o ensino na prisão, sendo por vezes ineficiente o existente necessitando a construção de uma proposta pedagógica própria para este contexto. Os ajustes já estão sendo feitos conforme a necessário, principalmente quando se usam de aulas expositivas.

A visão dos docentes atrelada a minha, avalia a educação na prisão mesmo ainda carecendo de ajustes, como um importante suporte na construção e na promoção de uma nova perspectiva ideológica educacional.

Referências

CASTEL, Robert. Instituto Humanitas Unisinos. **Estamos constituindo uma sociedade de "precariados", afirma Robert Castel.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/176-noticias/noticias-2007/564615-estamos-constituindo-uma-sociedade-de-precariados-afirma-robert-castel>. Acesso em 26 set. 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação.** n.23, p.16-35, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

JULIÃO. **Uma visão socioeducativa da educação como programa de reinserção social na política de execução penal.** Repositório UFSJ, 2010.p.01-18. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/file/vertentes/vertentes_35/elionaldo.pdf. Acesso em 26 out 2017.

MOSÉ, Viviane. Entrevista ao Café Filosófico CPFL. (2013) **O que a escola deveria aprender antes de ensinar?** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80. Acesso em: 16 set 2017.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

ONOFRE, E. M. C. **Educação Escolar entre as grades**. São Paulo: UFSCar, 2007.

SEIDEL, Carolina Cunha. **A escola no cárcere**: subjetividades entre as grades. 171f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/4372.pdf. Acesso em: 30 out. 2018.

Submissão: Maio. 2020

Aprovado: Ago. 2020